



miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

UMA NOVA PERSPECTIVA SOBRE O SUJEITO FEMININO SANTOMENSE: A LUTA E A FORÇA DAS MULHERES EM *HISTÓRIAS DA GRAVANA*



A NEW PERSPECTIVE ABOUT FEMALE SUBJECT IN SAO TOMÉ: THE FIGHT AND THE FORCE OF WOMEN IN *HISTÓRIAS DA GRAVANA*

Mithiele da Silva SCARTON
Demétrio Alves PAZ

Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 29/04/2020 • APROVADO EM 10/08/2020

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2350>

Resumo

O presente trabalho analisa a condição feminina em sete contos da obra *Histórias da Gravana* (2011), da escritora santomense Olinda Beja. Toda a análise baseia-se na leitura de obras críticas de especialistas sobre as literaturas africanas de língua portuguesa em geral e de São Tomé e Príncipe, em particular, tais como: Russel Hamilton (2006), Inocência Mata (2008), Inara de Oliveira Rodrigues e Thaíse Santos (2011). Da mesma forma, nos valem de escritoras e teóricas feministas como Angela Davis (2017), Marcia Tiburi (2018) e Chimamanda Ngozi Adichie (2014), que fundamentam o estudo sobre a condição da mulher. Criamos três

tópicos para analisar os contos: a primeira subdivisão refere-se às mulheres que são motivações para gerações futuras ou que encontraram caminhos para acabar com suas angústias; a segunda faz referência às que vivem sob mando dos homens que creem ser donos de suas vidas; por último, as que são vítimas do abandono, acabando por ter de sustentar seus filhos sozinhas.

Abstract

this essay analyses the feminine condition in seven short stories of the book *Histórias da Gravana* (Gravana's stories) (2011), by Olinda Beja, a writer from Sao Tomé. All the study is based on the reading of critical works of scholars of African Literature in Portuguese speaking countries, generally, and Sao Tome and Principe, specifically, such as: Russel Hamilton (2006), Inocência Mata (2008), Inara de Oliveira Rodrigues and Thaíse Santos (2011). In the same way, we use writers and feminist theorists like Angela Davis (2017), Marcia Tiburi (2018) and Chimamanda Ngozi Adichie (2014), which are the basis for this study about women's condition. We created three topics to analyze the short stories: the first subdivision refers to women as a motivation to future generations or the ones who find a way to end their agony; the second, to those who live under men dictatorship as owner of their lives; the last one, as victims of abandonment, ending up by creating their children alone.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Conto. Literatura Santomense. Escrita Feminina. Olinda Beja. Representação feminina.

KEYWORDS: Short story. San Tomé Literature. Women writing. Olinda Beja. Feminine representation.

Texto integral

Neste trabalho analisamos as personagens femininas na obra *Histórias da gravana* (2011), livro de contos, de Olinda Beja, escritora contemporânea africana que impulsiona esse sujeito feminino enquanto modificador da sociedade em que vive, por vezes mostrando-o forte e em constante busca pela liberdade, ou oprimido e com poucas armas para lutar contra um pensamento opressor que a sociedade ainda não condena. Com esta perspectiva, a escritora apresenta, aos leitores de seu tempo, narrativas que mesclam ficção e História, das quais revela experiências de vida que ultrapassam uma simples análise cotidiana levando-nos ao conhecimento da vida santomense. As narrativas, como é apontado no prefácio da obra, são

Histórias de amores desencontrados, muitas vezes sofridos, em que avultam as figuras da mãe e da avó, como protetoras da família a que quase sempre falta o homem, enredado ou na poligamia que a cultura local não condena ou, o que era pior,

fugido do meio do povo para o seu estratificado ambiente da roça ou da cidade metropolitana (TRIGO, 2011, p. 14-15).

Assim, em meio ao contexto de um passado doloroso, quando a ilha ainda fervilhava sobre a euforia do cacau, ou em tempos de pós-independência, que fazia sonhar com dias melhores, as mulheres de São Tomé e Príncipe serviram ora como escravas dos senhores brancos e de senhores de sua própria cor e nacionalidade, ora como mães, trabalhadoras na roça ou donas de casa que agora contam histórias de luta e submissão.

A História se evidencia no conto “Homenagem”, escrito para lembrar todas essas mulheres que viveram antes da independência do país. No final, há um apelo àquelas que estão, hoje, no século XXI, colhendo os frutos amargos de um passado que pouco reconhecimento trouxe à mulher. Ao pedir:

Demos as mãos, mulheres de todas as cores, mulheres das ilhas do meio do mundo, das ilhas onde o cacau ainda é amargo e sejamos, nem que apenas uma vez na vida, unidas e firmes no gesto de homenagem que elas merecem, elas, todas as corajosas mulheres que vieram antes de nós abrir os sulcos da escuridão onde plantaram o cacau e o café que ainda hoje, todos nós saboreamos (BEJA, 2011, p.58).

Frente a esse protagonismo das personagens femininas na obra em estudo, pensaremos na mulher enquanto modificadora da sociedade santomense, em um pré e pós-independência. Com isso, acredita-se na força e determinação dessas mulheres vítimas de uma sociedade patriarcal, na qual cabe a elas o papel de educadora e de sobrevivente. Há, por isso, um acúmulo de trabalho e, conseqüentemente, de vida, não só delas, mas dos que delas dependem.

Nas análises, aprofundaremos questões sobre a historicidade (situação dessas mulheres em tempos de colonização) enquanto elemento central na construção da figura feminina nos contos e na atualidade; a representatividade da mulher enquanto sujeito ou objeto na sociedade em que vive¹; e as relações de poder que se incorporam como norteadoras do rumo que a vida das personagens toma a partir de teorias feministas, buscando dar voz a todas essas mulheres que viveram, e as que hoje ainda vivem resignadas em uma sociedade machista.

A partir disso, consideramos a relação entre homens e mulheres como determinante na vida das personagens que se revelam ora sujeito, ora objeto. Com base em pesquisas em sites sobre São Tomé e Príncipe, assim como em livros de escritoras teóricas feministas, procuramos perceber não só as relações de gênero que se perpetuam nesses espaços, mas também re(conhecer) outros fatores que delimitam/determinam a realidade dessas mulheres.

Em São Tomé e Príncipe, como constata Martins (2018, p.8-9), “ainda no período colonial, surgem nomes como os de Alda Espírito Santo e Maria Manuela Margarido, escritoras que, contrariamente a Sara Pinto Coelho e a Aurora Jardim, inscreveram sua poesia num projeto claramente nacionalista”. O compromisso político e nacionalista na luta contra o colonialismo chama a atenção da estudiosa. No cenário atual, Martins (2018, p.9) destaca o nome de Olinda Beja como a autora santomense com mais obras publicadas com mais obras publicadas e acrescenta que, “trilhando pelas mais variadas formas de expressão textual (conto, romance, poesia), Olinda Beja se destaca também por ter obras traduzidas para o espanhol, francês, inglês, chinês e esperanto”. Destacam-se o Prémio Literário Francisco José Tenreiro, que foi conquistado em 2013 pela escritora, atribuído à coletânea de poemas *À sombra do oká* e seu livro *Um grão de café*, que entrou para o Plano Nacional de Leitura de Portugal em 2015.

Olinda Beja nasceu em Guadalupe, São Tomé e Príncipe, em 12 de fevereiro de 1946. Foi professora de Língua e Cultura Portuguesa em Lausanne (Suíça), onde reside. Obteve o Diploma Superior dos Altos Estudos Franceses da *Alliance Française* e, mais tarde, a Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês), pela Universidade do Porto. Fez ainda o Curso de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (LALP) pela Universidade Aberta. Algumas de suas obras são: *Bô tendê?* (1992); *Leve, leve* (1993); *15 dias de regresso* (1994); *No país do tchiloli* (1996); *A pedra de Villa Nova* (1999); *Pingos de chuva* (2000); *Quebramar* (2001); *Água crioula* (2002); *A ilha de Izunari* (2003); *Pé-de-Perfume* (2004); *Aromas de Cajamanga* (2009); *O Cruzeiro do Sul* (2011); *A casa do pastor* (2011); *Histórias da Gravana* (2011); *Um grão de café* (2013); *À Sombra do Oká* (2015); *Tomé Bombom* (2016); e *Chá do Príncipe* (2017).

Apesar de ainda não possuir grande fortuna crítica, já podemos perceber que alguns estudos sobre sua obra estão sendo publicados, tendo em vista os artigos acadêmicos que utilizaremos para análise, assim como entrevistas com a escritora que revelam seu sentimento em relação ao lugar onde nasceu.

Olinda Beja retoma o espaço enfatizando ou a “Estação das chuvas” ou a “Gravana”, tomando a divisão da obra a partir das duas estações predominantes do país, o período de chuvas e o de seca, respectivamente. A primeira parte “Estação das chuvas...” é composta por seis contos e a segunda “Gravana”, por nove. Logo no início da obra, a autora explica que,

nesse perpassar de tempo, ora chuvoso, ora exultante de sol abrasador, vão-se costurando passagens de vidas pela ilha do chocolate, brumosas umas, perdidas já num esquecimento de ontem quando nossos avós se vergavam sob o peso de um trabalho escravo, contrato que humilhou e danificou corpos e almas enquanto o cacau frutificava e se expandia pelo mundo

ocidental que não imaginava sequer o peso do sangue que ele transportava (BEJA, 2011, p. 7).

Durante a Gravana, estação que acaba quando quer acabar e na qual as chuvas são escassas, os contos se desenvolvem a partir de costumes, crenças e vivências do povo santomense. Zuleide Duarte reitera no prefácio da obra:

Entre os mistérios da vida e da morte, o diálogo com a natureza, cúmplice do humano, as histórias da gravana levam o leitor ao convívio estreito com homens e mulheres do povo, singularizados pela herança de uma cultura cujas referências se mesclam com o mágico e com o invisível, de dizibilidade apenas possível na linguagem poética (BEJA, 2011, p.17).

Dos dezesseis contos presentes na obra, sete serão analisados, são eles: “Homenagem”, “Filôzinha e a canção do mar”, “O amarrador de chuva”, “Os desencontros da língua”, “O pranto do ôsobô”, “Dasvidânia” e “Fé-em-Deus” visto que suas temáticas se direcionam à condição da mulher nas ilhas, situação que será problematizada e analisada sob viés teórico do feminismo e de autores que se interessam pelas literaturas africanas em geral, e pela santomense em particular, tais como: Adichie (2017), Davis (2017), Tiburi (2018), Inocência Mata (2008), Thaíse de Santana Santos e Inara de Oliveira Rodrigues (2017), Izabel Cristina Oliveira Martins (2018) e Kleyton Ricardo Wanderley Pereira (2015). Nos sete contos, percebemos três eixos temáticos: A mulher e o direito de ser: motivação para gerações futuras, aqui temos em foco mulheres que, com muita luta, buscaram sempre o melhor para si e para os seus; A mulher *versus* a “soberania masculina”, eixo no qual atentaremos para o poderio do homem sobre a mulher; e em A solidão: uma constante nos lares santomenses, onde abordaremos a constante monoparentalidade nos lares das ilhas.

2 HISTÓRIAS DA GRAVANA COMO EXPRESSÃO DE PERTENCIMENTO E LUTA

Em entrevista ao programa “Entre Nós” (2002), da Universidade Aberta, realizada por Raquel Santos, Olinda Beja deixa claro que, apesar de ter saído de São Tomé e Príncipe com dois anos e meio, quando foi para Portugal viver com a mãe adotiva, volta para seu país de origem, depois de 37 anos, em 1985, com um sentimento de paixão que, ao reencontrar a ilha, “já não é uma paixão, é um deslumbramento”. Antes de chegar à ilha, ela lembrava apenas de uma frase dita por sua mãe “MINAMUÊ” – Minha filha. Assim que regressa, consegue recordar os cheiros e a música e, ao ser questionada se escolheria viver em Portugal ou no país de origem, responde: “Optaria por São Tomé e Príncipe... África é um chamamento, África está no sangue de todos nós”.

Esse chamamento é indispensável para refletir sobre o sentimento de pertencimento ao país como prova de uma santomensidade na escrita da autora. Vemos inúmeras referências à língua e à cultura como, por exemplo, ao lembrar-se da tristeza do som da “Pitu dôxi” (BEJA, 2011, p. 42), flauta tradicional santomense de sons melodiosos, ou falar sobre a proibição da língua, que “manteve-se firme como tronco de oká” (BEJA, 2011, p. 46), árvore de grande porte utilizada geralmente para fazer canoas.

Com a utilização destes termos e a recordação da sua cultura, que um dia fora silenciada, o narrador constrói a identidade das mulheres dentro dos contos. Santos e Rodrigues (2017) apontam que essas literaturas tentam dar voz a tudo que um dia foi silenciado pelo regime colonial e agora constroem identidades fora de estereótipos comumente dados a esses mesmos povos. Nesse sentido, temos aqui uma escrita que reflete sobre momentos de opressão quando pensamos nas personagens, mas de autonomia quando entendemos a obra de uma mulher como um “contar”, a seu modo, sobre a cultura, oportunizando conhecer sua ilha, sua gente, suas mulheres, suas histórias.

O espaço que habita todas as narrativas é de exploração. Primeiro, quando consideramos a figura feminina; depois, quando recordamos o momento turbulento de exploração, que nos anos 50 resultou no massacre de Batepá, período de resistência contra imposições da metrópole sobre o povo santomense, recordado ao ser escolhido como pano de fundo de alguns contos. Como apontam Santos e Rodrigues (2017, p. 340) sobre a obra, “seu lugar de enunciação é Batepá, palco do maior massacre da história de São Tomé e Príncipe. A partir desse local, ela recorre a elementos da sociedade e da cultura do país”. Beja evoca, por isso, o símbolo máximo da opressão colonial e ponto de partida para a resistência política e cultural. Temos na mulher a personagem protagonista diretamente afetada tanto pela exploração do corpo quanto da mente, que busca sempre a liberdade.

Após a libertação do país, aos poucos a questão de gênero e emancipação fez ruir estereótipos que asseguravam o direito dos homens sobre elas. Tais preconceções, ao deixarem de ser norteadores para a vida do casal, assustam aos homens, já acostumados à submissão por parte das esposas. Nesse sentido, Abel Veiga, em sua revista online “Téla Nón” (2010) ao falar sobre a constante desigualdade de gênero no país, explica que, “muitos homens santomenses não se sentem nem cultural, nem psicologicamente preparados para aceitar certas situações e novidades que a questão do gênero e as novas leis trouxeram para a sociedade, preferindo por isso ficar e viver sozinhos”.

Algumas personagens têm um companheiro e um ou mais filhos. No entanto, o compromisso futuro com a educação e sustento dessa criança recai sobre a mãe que, não esporadicamente, acaba sozinha e conseqüentemente acumula funções que poderiam ser divididas pelo casal. Chimamanda Ngozi Adichie aborda a questão do prejuízo que as mulheres sofrem pelo preconceito de gênero. A escritora e ativista exemplifica que,

O modo como criamos nossos filhos homens é nocivo: nossa definição de masculinidade é muito estreita. Abafamos a

humanidade que existe nos meninos, enclausurando-os numa jaula pequena e resistente. Ensinamos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são - Porque eles têm que ser, como se diz na Nigéria, *homens maduros* (ADICHIE, 2017 p. 29).

Esses mesmos *homens maduros* são criados com o pressuposto de que sua “virilidade” é algo a ser valorizado acima de tudo. Muitas vezes, o reconhecimento é feito às custas da liberdade de alguma mulher, que acredita ter encontrado alguém para formar uma família, mas converte-se em vítima ao ser abandonada. Um homem, a partir da cultura que Olinda Beja delinea, não prova que é homem se não “fizer um filho”. E essa criança é mais uma vez deixada nos braços de uma mulher. O conto “Dasvidânia” refletirá exatamente a naturalidade com que são tratadas as relações dos homens com suas mulheres.

Em contrapartida a essa cultura, a força do movimento feminista busca exatamente a mudança de princípios deliberados historicamente, tendo em vista que a mulher ainda é alvo de uma sociedade machista e há, em decorrência disso, a necessidade de uma luta que tenha como foco as mulheres e seus direitos. Portanto, “O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral - mas escolher uma expressão vaga como ‘direitos humanos’ é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero” (ADICHIE, 2015 p.42-43).

Nos contos, esse “círculo vicioso” de dominação é visto como costume. Nesta perspectiva, repensamos cada uma das palavras já mencionadas de Adichie referente a essa cultura que ainda persiste, apesar de toda luta de emancipação feminina que os movimentos, em especial o feminismo, buscam vencer há décadas.

3 AS MULHERES NOS CONTOS DE *HISTÓRIAS DA GRAVANA*

3.1 O FEMINISMO COMO MOVIMENTO PARA UMA VISÃO CRÍTICA DA SITUAÇÃO DA MULHER SANTOMENSE

Antes da análise dos contos, faz-se necessário pensar em que tipo de feminismo nos apoiamos. Segundo Márcia Tiburi (2018),

podemos defini-lo como o desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sobre injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado. Nesse processo de subjugação, incluímos todos os seres cujos corpos são medidos por seu valor de uso: corpos para o trabalho, a procriação, o cuidado e manutenção da vida, para a produção do prazer alheio, que também compõe ampla esfera do trabalho na qual está em jogo o que se faz para o outro por necessidade de sobrevivência (TIBURI, 2018, p.12).

Há uma visão de mulher como parte de uma sociedade que as percebe como subservientes aos outros: aos filhos, aos homens, aos maridos e à vida, aquela que consome seu tempo e obriga a tantos esforços.

3.2 AS MULHERES E O DIREITO DE SER: MOTIVAÇÃO PARA GERAÇÕES FUTURAS

O conto “Homenagem” é uma carta escrita à avó da narradora, que se constrói a partir das memórias dela sobre a anciã. Assim como diz o título, esse conto é uma homenagem, pois é um retrato de tempos passados que emocionam e elevam a figura da mulher no período colonial do país, não deixando de dar enfoque à submissão ao homem branco que se tornou dono do seu corpo.

O passado é evocado com angústia e sofrimento: “Gulosos foram depois os olhos dos homens que conheceram teu corpo, o desafloraram, o sulcaram e o encheram de saliências e reentrâncias como o sul da ilha, até o desfigurarem no rebentamento de tantas águas futuras e passadas” (BEJA, 2011, p.56). A força/resistência dessa mulher também é retratada quando a narradora relata que: “Sem conto foram às vezes em que mostraste a teus netos as marcas que os carrascos te infligiram quando da revolta de Batepá. Nem a idade provecta que já tinhas te serviu de atenuante” (BEJA, 2011, p.57). A revolta de Batepá, um dos massacres que impulsionou a luta pela independência, e que tem na intolerância e na violência o eixo central, ocorreu em 1953, mas ainda hoje há reflexos da opressão e violência contra a mulher, deixando claro que a independência do país não chegou a todos os seus cidadãos.

No conto, a violência é parte do cotidiano da mulher contratada (quase escrava), um “modelo de mulher” em um tempo passado, que sofreu duros castigos enquanto “posse” do homem branco. O corpo das mulheres, no conto, é uma imensa recordação lamentável do sofrimento que experienciaram. Mulheres que foram o presente em um passado que pouco teve dó de seus corpos, tempo em que o cacau e o homem branco eram o carro chefe de suas vidas. A narradora diz:

Contaste, certa vez, que não vieste sozinha. Trinta e duas mulheres te acompanharam nesse êxodo que imaginaste de apenas poucos anos. Era a promessa para quem acreditava piamente no homem de cor diferente, no teu deus. E olha, minha doce avó, as mentiras já estavam forjadas num papel que nunca assinaste, nem tu nem elas, as que fizeram a mesma travessia num atlântico que também consumiu teus dias de espera [...] Onde pousam agora vossos corpos, nossas mães, nossas irmãs, nossas avós? Demos as mãos, mulheres de todas as cores, mulheres das ilhas do meio do mundo, das ilhas onde o cacau ainda é amargo e sejamos, nem que apenas uma vez na vida unidas e firmes no gesto de homenagem que elas merecem, elas, todas as corajosas

mulheres que vieram antes de nós abrir os sulcos da escuridão onde plantaram o cacau e o café que ainda hoje, nem todos nós saboreamos (BEJA, 2011, p.57-58).

Percebemos claramente uma denúncia e um grito pela libertação de todas as mulheres santomenses, vítimas tanto da exploração da ilha como do abuso de seus corpos. São essas mulheres, de um passado não tão distante, que suportaram a angústia e o descaso, sendo hoje fonte de inspiração para as que tentam legitimar alguns de seus direitos, visto que não suportam a dor e o sofrimento como constante em suas vidas.

Uma das ativistas que luta pelos direitos das mulheres, em especial pelos direitos das mulheres negras, a estadunidense Angela Davis, deixa claro que a violência se estende desde o direito sobre o corpo até os direitos políticos. Em sua obra *Mulheres, cultura e política* (2017), a teórica explica: “essas manifestações específicas da violência contra a mulher se situam em um espectro mais amplo de violência produzida socialmente, que inclui violações sistemáticas orquestradas contra os direitos econômicos e políticos femininos” (DAVIS, 2017, p.42). Essa relação é recorrente nos contos quando encontramos situações em que a única voz possuidora de direitos é a masculina, esclarecendo o papel de cada um dos sujeitos dentro da sociedade.

O conto “Filôzinha e a canção do mar” apresenta uma menina que queria mais do que estar a fazer coisas da casa, comumente ditas como obrigações da mulher, pois desde criança queria ir pescar com o pai. Menina alegre, que cantou em toda sua infância e que, já adulta, encontrava mais alegria quando podia vender os peixes que o marido “piscadô” trazia-lhe. O narrador, em primeira pessoa, conta a vida desta mulher que sonhava apenas com o mar, já que coser uma saia godê, ou ainda um quimono, ela não queria, pois sonhava mesmo era em ouvir e cantar a canção do mar. Esse narrador conhece Filôzinha, sabe das suas alegrias e de suas tristezas, conversa com a personagem e descobre a razão do seu amor pelo mar “Dona não sabe não, meu pai era angolar... angolar mesmo... de Ribeira Peixe!” (BEJA,2011, p.80).

O destino de sua mãe havia sido o mesmo de tantas outras mulheres. Seu pai, depois de estar muitos anos com a mãe de Filôzinha, foi para o sul e nunca mais voltou. Filôzinha ficou a cantar a canção do mar “como podia não saber que cantar é para esquecer tristeza?” (BEJA, 2011, p.82), ou seja, a música refletia a tentativa de esquecer as angústias constantes em seus dias, tal como o abandono do lar pelo pai.

O narrador, que demonstra ter conhecido a mulher, acentua momentos marcantes da trajetória da personagem: “Todas as manhãs, quando estou na minha varanda de madeira no meio de Batepá é a voz de Filôzinha que me desperta a oferecer voador, voador só, mais nenhum outro peixe que só esse lhe trouxe felicidade” (BEJA, 2011, p. 81). Além de contar sobre sonhos e esperanças da personagem, o narrador deixa claro o desfecho/futuro de Filôzinha;

[...] Já lá vão quase trinta anos quando, no florir de teus verdes sonhos, conheceste Timóteo, homem bonitão de verdade, e com a profissão com que sempre sonhaste, pescador! Sim Filôzinha, lembro-me muito bem de te ver passar aqui neste mesmo caminho os dois de conversa fiada, olhos nos olhos, uma alegria sem igual na resposta que me deste quando te perguntei o que fazia o teu homem “*Piscadô!*”, “Agora vou vender *pixi ê!*”, acrescentaste num sorriso de pura felicidade[...].Pena foi teres ficado só. (BEJA, 2011. p.81).

“Só”: não é incomum o uso desse adjetivo quando se fala sobre o destino das mulheres de São Tomé. Apesar da beleza de viver no ritmo do mar a cantar sua melodia na constante busca de ser feliz, não estranha encontrar um final que representa tantos outros das ilhas do meio do mundo.

Filôzinha fora mais uma que, enganada por aqueles que fecundam os ventres das mulheres e não satisfeitos vão procurar meninas mais jovens, sustentou e criou seus filhos com o próprio trabalho. O final desse conto retoma a questão do abandono não somente dos filhos, mas da mulher que é “substituída”: “Quem quer agora viver com Filôzinha hein?!” sempre a mesma solidão na vida das mulheres desta terra” (BEJA, 2011, p.82). Além do encontro com a música para espantar a tristeza, a solidão parece ser um dos pontos chave da discussão apresentada pelo conto, que explora, com toda clareza, uma triste realidade das mulheres santomenses, em especial, na criação dos filhos.

Além do diálogo entre o narrador e a personagem, há momentos de contato com o leitor, sendo um desses episódios o questionamento sobre os lugares onde vivem os filhos de Filôzinha “Os filhos estão todos espalhados pelo mundo, Lisboa, Luanda, Libreville... (todas estas cidades começam pela mesma letra da palavra Liberdade, por que será?)” (BEJA, 2011, p.82). A partir dessa relação, o narrador faz-nos refletir sobre a história de Filôzinha e a dos filhos.

No que diz respeito à pergunta feita pelo narrador, será essa busca pela liberdade algo partilhado entre mãe e filhos? Filôzinha canta para espantar a tristeza, seria essa tristeza relacionada ao abandono? À falta de liberdade? Aos filhos?, tal como deixa o narrador subtendido. Dessa forma, a personagem encontra na canção do mar sua essência, sua alegria, sua libertação. Cresceu, teve amores e desamores, filhos e mar, o último nunca a abandonou, o mar não tirou a liberdade, deu-a. Vemos em Filôzinha a imagem de mulher mãe, que, por irresponsabilidade dos homens com os filhos, privou-se de muito, tornou-se a única provedora do lar, sem desistir, sem fugir, sem abandonar. Venceu.

O primeiro conto da obra, que pertence à “Estação das chuvas”, é “O amarrador de chuva”. Nele, há uma criança que fora criada pela avó, já que o pai, João Ribeiro, “nunca lhe emprestou nem carimbou o nome, mas lhe gostou muito muito, tanto por demais que o assentou sempre no colo, estreito e magro como seu perfeito corpo português” (BEJA, 2011, p.21). Nesse pequeno trecho, já é possível perceber o homem português como senhor da ilha, ainda colonizada e dominada pelos brancos, como um pai que não reconheceu o filho em termos legais e apenas

demonstra afeto ao filho mestiço. As mulheres, em especial, eram consideradas objeto e, quando não mais satisfaziam aos homens, eram trocadas por outras mais novas. Percebemos aqui uma consequência da colonização dupla sobre o feminino: a primeira está relacionada à perda da identidade; a segunda, aos seus corpos, como podemos perceber no seguinte trecho, quando a avó materna de Benzinho, filho de João Comboio, é apresentada pelo narrador:

Mukuma era alta e esbelta e depressa os olhos do feitor da roça onde trabalhava fizeram germinar em seu feminino ventre filhos e mais filhos até que por fim com o passar das estações se viu trocada e desdenhada por Adérita, outra contratada, que lhe levava no avanço apenas a idade que tinha (BEJA, 2011, p.21-22).

Kiata, mãe de Benzinho, foi fruto do amor de Mukuma com um pescador com quem foi feliz, mas que, por “ocaso” do destino, se fez ausente. Conforme Kiata foi crescendo, o amor que Mukuma sentia por ela passou à preocupação e daí a: “medo de branco, de preto, de mulato, mas sobretudo de branco. Naquela época Branco era dono e senhor de tudo, de roça, de plantação, de castigos, de leis, de serviçais, de seus corpos e de suas vidas” (BEJA, 2011, p.22). Quando a beleza da menina fosse ao encontro de algum dos olhos “maus”, nada haveria de fazer, por isso Mukuma sempre aconselhou a filha sobre os perigos de ser mulher.

Mesmo com todos os conselhos, Kiata deixou se levar pelos encantos e promessas de João Comboio. Ao acreditar, não mediu esforços para deixar que o fruto daquele amor viesse ao mundo, pois, como ela mesma dizia, ele iria para a “terra de avô branco estudar muito” (BEJA, 2011, p.24). Kiata morreu ao dar a luz a Benzinho. Deixado pelo pai, como tantas outras crianças em São Tomé e Príncipe, foi criado pela avó que sempre o cuidou, mas o destino do menino ainda era uma incógnita.

Já crescido, sua avó descobre os poderes que transformariam a vida de Benzinho. No dia em que a avó estava doente conseguiu cessar a chuva para que o curador pudesse ajudá-la. Benzinho tornou-se especial: “falado, admirado e invejado pelos quatro cantos da ilha do café e do cacau sempre em flor” (BEJA, 2011, p.28). Como o conhecimento de seus poderes de amarrar chuva alastrou-se, recebeu a missão de não deixar chover no dia do casamento de Zumbi e Maiunga, mas, por um acaso do destino, acabou se apaixonando pela moça. Essa acabou sendo sua missão mais difícil.

O dia do casamento chegou e, como a época era a mais chuvosa de todas, a água continuava a cair. No último momento, já chegada a hora da noiva sair de casa, o céu começou a abrir e a chuva a secar. Apesar da alegria momentânea, no dia seguinte, Benzinho foi encontrado morto. Realizou o pedido da mulher que mais amou e isso lhe custou a vida, pois toda a chuva havia sido desviada para a mesma vala em que Benzinho foi encontrado.

Neste conto, apesar de temos Benzinho como protagonista, ocorre o reconhecimento do protagonismo das mulheres de sua vida ainda é reconhecer a

história dessas personagens. Temos na avó de Benzinho informações sobre as mulheres contratadas que vieram para São Tomé e Príncipe em busca de uma vida melhor, mas acabaram presas em uma nação que não lhes pertencia. Naquela época, os contratos eram ainda uma esperança, porém as promessas se desaguavam em uma espécie de escravidão, com condições de trabalhos desumanas e o inalcançável regresso ao país de origem.

Mukuma, em meio às condições de submissão, tem sua filha, da qual havia de cuidar para que os olhos dos senhores não a perseguissem. Posteriormente é dela também o “dever” de cuidar do neto e, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, conquista êxito nesses desafios encarados sozinhos. Nela temos a representação da mulher como força e resistência em um período em que quase nada lhe pertencia, o pouco que tinha ofereceu ao neto, que entendeu o verdadeiro significado dos valores recebidos quando realizou o desejo da mulher amada, em oposição ao seu.

Um dos excertos da obra que reflete a presença das mulheres na vida de Benzinho é o seguinte: “rodeado de ancestrais e matriarcais rostos femininos, rostos de tias, de muitas tias, de primas, de vizinhas” (BEJA, 2011, p. 26), e sobre essa realidade Martins (2017, p.193) constata que “o crescimento de Benzinho entre mulheres confirma a ausência masculina nos *luchans* das ilhas, seja por trabalho, seja por abandono do lar para contrair outros relacionamentos com mulheres mais jovens”.

O cenário em que se insere o protagonista, nada mais é que o reflexo de uma sociedade definida pelo patriarcado, porque “A identidade da mulher africana é muito marcada pelos padrões de uma sociedade patriarcal cujos valores estão tão impregnados na sociedade que, tanto as mulheres como os homens acabam por considerá-los naturais” (Recenseamento, 2012, p.16). Essa visão ideológica, que determina o que a mulher é, o que deve fazer e como deve agir, envolve a vida da avó e a da mãe de Benzinho que, ao ser criado por uma mulher, não tem uma figura masculina com uma imagem “positiva”, muito menos de um pai presente.

Sobre o conto, enfatizamos ainda a dominação dos corpos femininos, em especial o corpo da avó, que serviu aos desejos do homem branco, e depois o mesmo destino se deu a sua filha. Todas mulheres, todas submissas, sem serem donas de seus corpos. Com relação à luta do feminismo sobre o direito ao corpo, Tiburi (2018, p.37) salienta que “não há nada mais absurdo para o patriarcado do que o direito ao corpo. Assim como é importantíssimo que as mulheres sejam donas da própria sexualidade e do todo do seu corpo, elas devem ser donas do seu corpo reprodutivo”. É necessário reivindicar o corpo feminino, fazê-lo valer subjetivamente, não estando à mercê de uma sociedade que durante muito tempo buscou dominá-lo.

Aos corpos e às mentes delas restam olhos famintos à espera de se satisfazerem. A mulher, no contexto da obra, e em relação estreita à realidade santomense não tem autonomia, elas são submissas quando “doam” seus corpos aos homens que muitas vezes o fecundam, e são submissas quando sozinhas sustentam os frutos de um amor não mais correspondido. É oportuno acrescentar

que, na atualidade, a subordinação destes corpos ainda é marcante, quando se fala da relação entre homem e mulher em São Tomé e Príncipe.

Os três contos aqui analisados falam de mulheres que, submetidas a um sistema que não dá voz às suas angústias, buscaram, cada uma à sua maneira, dias melhores. O conto “Homenagem” é por si só a força necessária para que as mulheres de hoje lutem por seus direitos quando traz à tona o sofrimento vivenciado por esses corpos no período da colonização. De certa forma, o conto é um chamamento à luta por direitos. Em “Filôzinha e a canção do mar”, a maneira encontrada pela protagonista para espantar sua tristeza é o que se destaca: a música a mantém feliz, buscando nela não só a liberdade como também o aconchego para um corpo já cansado e sozinho. Já em “O amarrador de chuva” temos um personagem que é criado pela avó e muitos outros rostos femininos, a avó, como elo central na narrativa, traz consigo uma história de superação e resistência frente aos desafios que encontrou durante a vida.

3.3 AS MULHERES *versus* A “SOBERANIA” MASCULINA

Em nossa análise, percebemos o poder do homem sobre a mulher em todas as vezes que ela foi considerada objeto. Em “Os desencontros da língua” muitas passagens deixam explícitas as condições a que as mulheres da ilha eram submetidas nos tempos da colonização.

Leontina conta diferentes histórias que se sobressaem pelo fato de apresentarem imposições que foram feitas com a chegada dos portugueses, não somente em São Tomé e Príncipe, mas em toda a África lusófona. A avó da personagem contava os dias difíceis, em que a cultura de seu povo foi silenciada, dias em que sua língua, o crioulo, era vista como “língua de trapos” (BEJA, 2011, p.45), pois não era permitida. Além disso, dá foco às submissões que as mulheres de sua família foram expostas, evidenciando a figura do homem como autoridade máxima.

A avó contava que, quando jovem, estava sujeita/condenada a ser do branco que a quisesse. Dizia à Leontina que “com o branco amor se faz em silêncio” (BEJA, 2011, p.46), revelando a violência e ideia de submissão atrelada ao corpo feminino negro em relação ao homem branco. Esse poder do homem é resultante de contextos históricos marcados pela força e opressão, momentos que refletem, ainda nos dias atuais, uma superioridade do gênero masculino sobre o feminino.

No conto, além da supremacia masculina, vê-se a imposição da língua e da cultura portuguesa, o que acentua as experiências vividas nesse tempo e os papéis que foram atribuídos ao corpo feminino. Assim, à mulher era conferido o papel de dona de casa, mãe, lavadeira, faxineira, sendo vistas como sujeitos destituídos de direitos pela sociedade patriarcal.

A avó Nandinha veio de Cabo Verde. Sonhava em regressar ao seu país, do qual sentia infinita saudade, no entanto, o tempo e a vida difícil não lhe permitiram. Leontina queria realizar o anseio da avó, apesar de ir contra sua mãe

que tinha desejo de um destino diferente para a menina. Leontina não entendia o porquê daquilo:

E se um dia eu me casar com um rapaz de Cabo Verde? – Perguntei num jantar quase à queima-roupa. E voltou o castigo, voltaram os gritos, os meus e os de minha mãe, que isso são coisas que não se dizem nem a brincar, casar só com português... Ouviste bem Leontina? (BEJA, 2011, p.48).

Mas como o amor não escolhe morada, quando Leontina e sua mãe fazem uma viagem a Cabo Verde, ela ouve de um menino a seguinte frase: “Nha cretcheu...oh! Nha cretcheu!” ‘Nada de nada percebi. Só sei que o achei bonito, muito bonito. Talvez por isso ele me olhou outra vez, e os nossos olhares se cruzaram, agora mais demoradamente, um sorriso quase quase a aflorar” (BEJA, 2011, p.48). Mal sabia ela que essas palavras muito significavam, entretanto, a descoberta da tradução veio tarde. Ela perguntou à mãe o significado daquelas palavras:

Perante a insistência do meu pedido e enquanto fazia a pausa da tarde, ela fez a tradução. Como era possível? ‘Cretcheu’ era amor em crioulo? Amor mesmo como em português? Pedi-lhe então, roguei, implorei que voltasse ao porto comigo. Talvez o encontrasse, talvez, era tão bonito! (BEJA, 2011, p.49).

Então a desabafar Leontina diz: “tivesse eu aprendido o seu linguajar crioulo e não teria deixado fugir o amor! Juro que não! Palavra de Leontina!” (BEJA, 2011, p. 49).

Referimo-nos, a partir da análise, às imposições feitas ao povo no que concerne ao uso da própria língua. A imposição sobre o não uso dela está relacionada ao poderio de uma cultura sobre a outra e, acima de tudo, no conto, de um homem sobre as mulheres. O pai de Leontina é quem obriga o uso do português, acarretando, muitas vezes, em violência, direcionada a todas as mulheres que ali vivem, em especial à esposa, que é proibida de ensinar crioulo à filha. Essa violência, segundo Sequeira (2010, p.26), é “vista pelo feminismo como expressão radical da relação hierárquica entre os sexos no núcleo familiar”. Leontina, assim como a avó e a mãe, estava proibida de usar a língua de sua terra, não importava onde estivesse. A perda da própria cultura e da voz desse povo se mostra em forma de tristeza, já que a avó não poderia voltar para a ilha tão amada, nem mesmo ensinar a língua materna para a neta.

A narrativa demonstra o poder e a supremacia masculina, que se estende tanto à esfera cultural quanto à de gênero, resultando na violência do mais forte sobre o mais fraco em uma relação assimétrica. O poderio masculino e colonial deságua na imposição do português frente às culturas ali existentes, um traço marcado na história dos países colonizados.

No conto “O pranto do ôssobô”, as circunstâncias de um amor proibido são o tema central. Siumara, que fora criada e educada por Maurício Pontes, um dos mais poderosos senhores de cacau, se apaixona por Florival, um dos trabalhadores da fazenda. Durante uma caminhada que a família fazia pela fazenda, Siumara viu o jovem trabalhador na encosta de uma jaqueira da qual os frutos eram para “eles”, os negros, comerem. No entanto, ao falar disso, o irmão de Siumara não percebe que ela pertencia a “eles”, pois é filha de uma negra. Siumara queria saber quem era o jovem que ali estava. A partir desse momento, os encontros entre os dois, com a ajuda de Muxima, sua fiel amiga, são recorrentes. Com o rapaz, Siumara descobre o amor, costumes e lendas daquelas terras, em especial a do ôssobô, o pássaro que canta para chamar a chuva, e esse canto os acompanhava em todos os encontros.

Assim que Maurício Pontes descobre o que está acontecendo, sua principal decisão é mandar Siumara para a casa de uma tia paterna. Aos prantos, a menina se despede e vai embora. Florival, sabendo do destino que lhe estava reservado, resolve, sob uma jaqueira frondosa, dar fim à sua vida: “E só o ôssobô é que viu, só o ôssobô é que ouviu” (BEJA, 2011. p.44). A relação que o narrador faz entre o pássaro e a narrativa revela um final triste, já que a separação do casal e suicídio de Florival é a razão pela qual o ôssobô canta e a chuva cai. Assim, Olinda Beja resgata uma ave comum das ilhas do meio do mundo e põe-na como testemunha de um amor proibido.

Siumara é mais uma menina/mulher que tem seu destino traçado por outra pessoa. Seu pai é seu dono, é quem toma as decisões. Essa menina é fruto de um caso fora do casamento, a mãe de Siumara talvez fosse mais uma das mulheres que se sujeitaram a cumprir os desejos do “senhor”, e a esposa de Maurício Pontes, a mulher que precisa aceitar as traições do marido, como se isso fosse algo natural. Relacionam-se, assim, a vida dessas três mulheres sujeitas às escolhas e caminhos traçados por um único homem. Todas são vítimas por depender social e economicamente deste “senhor de tudo”, em um espaço/tempo que não lhes garantia nada.

O poder que um único homem exerce sobre as personagens também reflete sobre as ideologias que vivemos. Ao falar sobre o patriarcado, Tiburi (2018) faz-nos pensar a respeito dessa forma de poder a que estamos submissas:

O patriarcado é também uma forma de poder. Ele é como uma coisa, uma geringonça feita de ideias prontas inquestionáveis, de certezas naturalizadas, de dogmas e de leis que não podem ser questionadas, de muita violência simbólica e física, de muito sofrimento e culpa administrados por pessoas que têm o interesse básico de manter seus privilégios de gênero, sexuais, de raça, de classe, de idade, de plasticidade (TIBURI, 2018, p.40).

A autoridade masculina, em uma sociedade marcada pelo machismo, determina como essas mulheres devem se comportar. Siumara, a filha, deve casar-se com um homem rico; a mãe de Siumara deve satisfazer os desejos do sinhô; e a

mulher de Maurício Pontes permanece em silêncio, pois sua opinião não é válida, ela não toma decisões.

Um dos personagens da história é livre, vive para lembrar de encontros que há muito presenciou: “O ôssobô não canta para anunciar a chuva, o ôssobô chora por um drama que há muito presenciou e jamais esqueceu. E essa chuva que dizem que ele chama não é mais que suas lágrimas, essa chuva é o pranto do ôssobô” (BEJA, 2011, p.39). Mitos e lendas, misturados às vivências de mulheres de terras longínquas, transformam-se aqui em contos que encantam quando apresentam realidades que não são nossas, mas que, ao mesmo tempo, nos fazem sentir como parte e personagem de tudo aquilo que experienciaram.

Os dois contos presentes nessa seção mostram mulheres que não têm autonomia sobre suas decisões, todas foram submetidas a mandos e desmandos de homens. No primeiro conto, Leontina tem o desejo de conhecer sua língua e conhecer o amor, mas o destino não dependia de suas aspirações, pois o pai é a figura de poder e decide o que ela deve ou não saber e quem ela deve ou não amar. O mesmo acontece no segundo conto, onde temos Siumara e Florival, um amor proibido pelo pai. As narrativas apresentam ainda mais mulheres, além de Leontina, temos sua mãe e sua avó, assim como temos a mãe e a madrastra de Siumara. Seis mulheres, seis corpos, seis pensamentos subordinados aos homens.

3.4 A SOLIDÃO: UMA CONSTANTE NOS LARES SANTOMENSES

O conto “Dasvidânia”, penúltimo conto da obra de Olinda Beja, inicia com a história de um homem que interfere na vida de duas mulheres. Início Bonfim, ainda muito jovem, tem de deixar a ilha para seguir seu sonho de se tornar médico. Para isso, deixa, em São Tomé e Príncipe, a mulher de sua vida, Kitilua, que fora prometida em casamento, que seria realizado assim que Início voltasse da União Soviética.

O conto e o título, principalmente, trarão a experiência de outra cultura. O significado de Dasvidânia é “adeus”, esse mesmo adeus que não poderia deixar de ser dito pela personagem que não aceita a realidade a ela imposta ao ir da União Soviética para São Tomé e Príncipe. Isso se deve ao fato de que, nem sempre, uma cultura é aceita, ainda mais se esta causar, desde o início, espanto e certo medo.

Início Bonfim parte e com ele a esperança de Kitilua, que espera, mas não recebe mais notícias do amado. Ao chegar no novo país, a língua é um dos principais obstáculos a serem vencidos. Logo que se insere no meio acadêmico e começa a fazer amizades, Início se encanta por Ludmilla Tchereskova, estudante de enfermagem.

O tempo foi passando e a barriga que esperava o filho de Início, crescendo. A notícia de que ele havia casado com uma russa mexeu com a vila de Guadalupe, que aguardava seu retorno. Início retornou com Ludmilla e seus dois filhos.

Kitilua esperava aquele regresso para vingar-se. Quando chegaram, ela pediu para que seu filho cumprimentasse a mamã russa que, ao ver aquela

situação, desejava o momento da partida. Ludmilla viveu em Guadalupe por sete anos, ali conquistou gente, fez amizades e viu seu homem por muitas noites, sair escondido para ver outras mulheres, inclusive Kitilua que esperava mais um filho.

Ludmilla não conseguia entender o que a maioria das pessoas dizia a ela: “Aqui é assim, dona!... homem tem muita mulher!” (BEJA, 2011, p.101). Ela decide deixar a vila, com dor no coração, mas se despede dos que ali fizeram parte de seus dias. “- Chauê!...- Disse-lhes Ludmilla tentando esconder as lágrimas. [...] Dasvidaniaê!...- gritaram as crianças” (BEJA, 2011, p.102).

Quando percebemos os impasses que as personagens femininas da obra de Olinda Beja enfrentam, refletimos acerca da cultura a que estão submissas. Kitilua à espera de um filho, sozinha e sem saber se o noivo voltaria é surpreendida pelo regresso de Início que traz consigo uma nova mulher e filho. Duas mulheres são constituídas como sujeitos em culturas diferentes. A primeira, crescida em São Tomé, vê na cultura da poligamia algo normal. A segunda, crescida na União Soviética, desconhecendo a realidade de São Tomé e Príncipe, surpreende-se ao descobrir que o “seu marido” não é só seu, pois “em África era assim, que um homem tinha muitas mulheres para se afirmar como homem” (BEJA, 2011, p.100). Isso faz com que Ludmilla regresse ao país de origem.

No conto “Fé-em-Deus”, um dos temas contundentes é a questão da gravidez precoce. Elisa, primeiro foi iludida pelo amor e pelas promessas de “seu homem”, Emerson. Depois, ao saber da gravidez, foi expulsa de casa pelo pai, e Emerson não a quis mais, pois ela era “Mulher rejeitada pela família” (BEJA, 2011, p.69) e a menina acabou sozinha. Seu destino estava nas mãos da tia Simoa, e por ela foi acolhida.

Sofreu muito, sofreu por descaso e por ter de enfrentar a pobreza com mais nove primos. Descobriu que Emerson fora para Lisboa. Adoeceu, ficou no hospital apenas em companhia da amiga. Tanto sofreu, tanto fez para ter seu filho que, quando este nasceu, deu a ele o nome de Fé-em-Deus “com tracinhos que o nome é nome de *minino* mesmo” (BEJA, 2011, p. 71). Esse sentimento único de amor a fez lutar e conseguir criar a criança.

Essa mulher, ainda que enganada pelo “seu homem” e desprezada pelo próprio pai, buscou forças e venceu sozinha, criou o filho e pôde lhe dar uma boa educação. Ele, aos 28 anos, faz agronomia em uma universidade e voltará para cuidar dos cacaveiros que seu pai deixou para trás. E Elisa? “Apesar de cansada e doente ainda conserva no rosto aquele seu sorriso de menina-mãe” (BEJA, 2011, p.71).

O destino de Elisa não é só mais um caso de abandono, é a situação em que muitas mulheres se encontram após acreditar em algum homem que, por vezes, apenas as engana e deixa um filho em suas mãos, como anteriormente abordado nesse estudo. O papel de pai e a responsabilidade com essa criança são deixados em segundo plano, opção de inúmeros homens que não se veem “prontos” para assumir tal compromisso ou encontram uma nova aventura amorosa.

Em “Dasvidânia”, Ludmilla não aceita a nova realidade em que se vê: um país em que a poligamia é aceita e resolve ir embora. Início não se importa com a

partida dela e os filhos que deixa com ela. Em “Fé-em-Deus”, Emerson abandona Elisa e seu filho, indo atrás de seu sonho. É nesse sentido que os últimos contos se assemelham, no abandono paternal e não responsabilidade pelos filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo, há o encontro de relações que estão alicerçadas na sociedade, em especial o sentimento de poder sobre a mulher, tema frequente nos contos analisados. Tais assuntos precisam ser considerados a fim de contribuir para a construção de novas fronteiras sobre a desmistificação de uma mulher frágil e dependente, com a intenção de perceber que essa feminilidade hoje se constitui de força e luta. Com isso, pensar na liberdade da mulher, ao nos referirmos à escrita de Olinda Beja como forma de reconhecimento, é criar espaço para diálogo dentro e fora do âmbito acadêmico.

A falta de uma voz feminina em um passado e um presente situados em um pré e pós-independência retoma a ideia de submissão ainda no cotidiano de muitas santomenses. A mulher que sofre por não poder ser dona do corpo e da mente é um tema que perpassa gerações, por esse motivo retoma-se a importância de *Histórias da gravana* como obra fomentadora de um olhar crítico à necessidade de ascensão da voz e da vez feminina em todas as nações.

Notas

¹ Entendemos por sujeito o ser ativo, e objeto o ser passivo. No caso das mulheres, ativo quando têm voz sobre suas escolhas, e passivo quando as decisões sobre suas vidas não são delas.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AVILEZ, Roberta. Mulheres de São Tomé e Príncipe entre a família e a carreira profissional. 23 Fev de 2015. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-002/mulheres-de-s%C3%A3o-tom%C3%A9-e-pr%C3%ADncipe-entre-a-fam%C3%ADlia-e-a-carreira-profissional/a-18265431>. Acesso em: 10/out./2018.

BEJA, Olinda. *Histórias da Gravana*. São Paulo: Escrituras editora, 2011.

DAVIS, Angela. *Mulheres cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Mulher em São Tomé e Príncipe, RGPH-2012. São Tomé: INE, 2014, - 96 p.

MARTINS, Izabel Cristina Oliveira. Palavras: Escrita feminina, lusofonia, áfricas. 2018. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/anais.php>. Acesso em: 20/out/2018.

MARTINS, Izabel Cristina Oliveira. *Olinda Beja: estórias e história das mulheres das ilhas do meio do mundo*. Literatura e estudos feministas: Anais eletrônicos da XXVI Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), p.191-202.

PEREIRA, Kleyton Ricardo Wanderley. Exílio, memória e identidade crioula em 15 dias de regresso. *Milba*, Pernambuco, UFRP, v. 1, n.1, out.2015/mar.2016,

PEREIRA, Ana C. As mulheres já estão a abrir os olhos. São Tomé e Príncipe. 4 Mar de 2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/03/04/sociedade/reportagem/as-mulheres-ja-estao-a-abrir-os-olhos-1804464>. Acesso em: 10/out./2018.

SANTOS, Thaíse S; RODRIGUES, Inara O. Um canto de santomensidade em Histórias da Gravana, de Olinda Beja. *Revista Crioula*, n. 20, p. 337-354, 2º semestre de 2017.

SEQUEIRA, Victória Cecília Almeida. *A situação das mulheres na sociedade santomense: discriminações de gênero e a participação feminina na esfera produtiva*. 2010. TCC (Ciências sociais) - UFRGS, Porto Alegre, 2010.

TIBURI, Márcia. *Feminismo em comum*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TRIGO, Salvato. Prefácio. IN: BEJA, Olinda. *Histórias da Gravana*. São Paulo: Escrituras editora, 2011.

UNIVERSIDADE ABERTA. Entre Nós: entrevista a Olinda Beja, Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/5261>. Acesso em 07/jan/2019.

VEIGA, Abel. Téla Non: Desigualdade de gênero é dominante em São Tomé e príncipe. 20 Set de 2010. Disponível em: <http://www.telanon.info/politica/2010/09/20/5309/desigualdade-do-genero-e-dominante-em-sao-tome-e-principe/>. Acesso em: 10/out/2018.

Para citar este artigo

SCARTON, Mithiele da Silva; PAZ, Demétrio Alves. Uma nova perspectiva sobre o sujeito feminino santomense: a luta e a força das mulheres em Histórias da Gravana. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 3, p. 410-429, set.-dez. 2020.

Os autores

Mithiele da Silva Scarton é graduada em Letras pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Cerro Largo, RS. Foi bolsista dos projetos "Mulheres fortes: O conto africano de língua portuguesa de autoria feminina" e "O conto africano contemporâneo de língua portuguesa de autoria feminina", ambos com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

Demétrio Alves Paz é Professor Associado 1 de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Cerro Largo, RS.